

O DISCURSO DO PRECONCEITO CONTRA O NEGRO EM QUARTO DE DESPEJO: RESÍDUOS DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Francisco Henrique Oliveira MOURA¹

Antonia de Jesus SALES²

Inst. Fed. de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Resumo Após completar 60 anos de sua publicação, *Quarto de Despejo* (1960) se tornou uma obra icônica por retratar, de forma fidedigna, a realidade da favela. Dentro do contexto da obra, nosso objetivo, aqui, é investigar o discurso de preconceito contra o negro, uma população marginalizada no espaço da favela, buscando compreender como o preconceito aparece dentro das relações entre as personagens. Para este intento, buscamos, dentro da obra, os momentos em que o discurso do preconceito perpassa o diário, a fim de contextualizar o discurso imbricado na vivência da autora, expressa no gênero textual diário, considerando os relatos de preconceito como atos de violência simbólica, termo cunhado por Bourdieu (2007) e a Teoria da Residualidade (PONTES, 1999), que embasará nossa análise, por considerarmos o discurso de preconceito contra o negro como uma questão antropológica e cultural, remanescente da escravidão africana no contexto brasileiro e por considerar a literatura marginal, situação da obra aqui investigada, fonte de compreensão para as questões sociais e culturais no contexto brasileiro, principalmente considerando que o contexto da favela, mesmo tendo seu nome modificado para “comunidade”, não evoluiu quanto à sua situação efetiva de existência e de desigualdade social.

Palavras-chave Literatura Marginal. Preconceito. Residualidade. Violência.

THE DISCOURSE OF PREJUDICE AGAINST BLACK PEOPLE IN THE DUMP ROOM: RESIDUES OF SYMBOLIC VIOLENCE

Abstract After completing 60 years of its publication, *Quarto de Despejo* (1960) became an iconic work for faithfully portraying the reality of the favela. Within the context of the work, our objective here is to investigate the discourse of prejudice against black people, a marginalized population in the favela space, seeking to understand how prejudice appears within the relationships between the characters. For this purpose, we sought, within the work, the moments

¹ Graduado em XXXX. Graduando do XXX semestre de Letras Português-Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Umirim).

² Docente de Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tauá). Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1369-2539>. E-mail: antonia_saless@hotmail.com

in which the discourse of prejudice permeates the diary, in order to contextualize the discourse embedded in the author's experience, expressed in the diary textual genre, considering reports of prejudice as acts of symbolic violence, a term coined by Bourdieu (2007) and the Theory of Residuality (PONTES, 1999), which will support our analysis, as we consider the discourse of prejudice against black people as an anthropological and cultural issue, reminiscent of African slavery in the Brazilian context and by considering marginal literature, the situation of the work investigated here, a source of understanding for social and cultural issues in the Brazilian context, especially considering that the context of the favela, even having its name changed to "community", has not evolved in terms of its effective situation of existence and social inequality.

Keywords Marginal Literature. Prejudice. Residuality. Violence.

Introdução

O presente estudo parte de uma obra literária para analisar o discurso do preconceito, a partir dos conceitos de *violência simbólica*, termo cunhado por Bourdieu (2007) e de *resíduo* no texto literário (PONTES, 1999) no contexto de uma literatura considerada marginal. Segundo Ferréz (2005, p. 12), a Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo." Assim definimos marginal, uma obra de denúncia da calamidade social vivida pela autora à época e tão presente no contexto atual das favelas brasileiras que ainda padecem dos mesmos problemas enfrentados pela autora/personagem da referida obra. Como metodologia, buscaremos as citações relacionadas à ocorrência de preconceito contra personagens negros na obra, a fim de compreender como o discurso contra o negro se apresenta nas relações entre estes.

Em 1960, Carolina Maria de Jesus surpreende o público e a crítica com a publicação de seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que é a sua maior criação literária não apenas pelo sucesso de vendas, mas por ser uma obra que foi publicada a partir de escritos em cadernos velhos oriundos do lixo, já que a autora trabalhava com reciclagem. É uma obra considerada de Literatura Marginal pelo espaço em que foi produzido. Por um bom tempo, foi uma obra desacreditada, pois não acreditavam que Carolina a tivesse escrito, e só foi publicada por que uma pessoa pública

– a figura do jornalista Audálio Dantas – a endossou frente aos meios editoriais da época. Após esse acontecimento, a obra ganhou destaque nos principais meios de comunicação da época, se tornando, assim, um best-seller em pouco tempo, tendo seu valor reconhecido de imediato, assim, nos seus pouco mais de 60 anos de existência, acreditamos que *Quarto de Despejo* ainda tem muito que dizer para os que buscam compreender a relevância deste tipo de texto para a compreensão da sociedade.

Quarto de despejo

Quando abordamos a temática referente à pobreza na literatura, temos muitos exemplos. Entretanto, esses são provenientes, em sua grande maioria, de escritores letrados, de uma classe social abastada, que apenas observam as questões referentes a pobreza e vulnerabilidade socioeconômica com um olhar de um terceiro sem uma vivência real. Ademais, durante a década de 1960, tivemos um achado literário até então sem precedentes na literatura brasileira contemporânea, uma obra completamente espontânea e sem muitas pretensões literárias. Durante uma reportagem sobre a situação da extinta favela do Canindé, as margens do rio Tietê, em São Paulo, quando o então jornalista Audálio Dantas se deparou com inúmeras histórias, dentre elas, a de uma moradora da comunidade, em particular, Carolina Maria de Jesus, mãe solteira, catadora de materiais recicláveis e com uma sede insaciável pela leitura e conhecimento.

A mesma dispunha de mais de 20 cadernos contando toda a sua rotina, por aproximadamente 5 anos, o que mais tarde compilou em seu primeiro livro *Quarto de Despejo*, uma obra que nos mostra a dura e cruel realidade não apenas de sua autora e sim de toda a comunidade, assim se tornando a voz de milhares de pessoas que antes eram completamente invisíveis para o poder público e para a sociedade. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus se tornou a porta voz dos invisíveis. Dessa forma:

A obra atinge sucesso de vendas incomum no mercado editorial nacional, a primeira tiragem, de 3 mil exemplares é estendida a 30 mil exemplares esgotando-se em três dias, apenas em São Paulo. Menos de um ano depois, começam a surgir edições para outras línguas, com a publicação em 17 países até 1963, chegando a 40 atualmente. As adaptações para o teatro, o cinema e a televisão são simultâneas ao

sucesso do livro. A versão teatral, de 1961, em São Paulo, tem direção do ator e diretor Amir Haddad (1937). (Enciclopédia Itaú Cultural, 2017)

A obra é escrita no período, em que Juscelino Kubitschek governava e que o lema de governo era desenvolvimento e modernização. Dentro desta realidade, Carolina, com sua obra, causou um enorme contraponto na sociedade da época, mostrando uma mulher negra, mãe solteira que tem que se submeter a catar lixo para tentar proporcionar o mínimo possível de sobrevivência para si mesma e seus filhos. Ademais, Carolina Maria de Jesus se tornou uma representante de uma parcela da população que era silenciada e segregada pela sociedade. Consequentemente marginalizada, podemos caracterizar uma literatura como marginal quando a mesma vem a ser criada e contextualizada na contramão das grandes editoras e de tudo o que está sendo criado no cenário literário. Assim Carolina Maria de Jesus vem se contrapondo em relação às outras autoras de sua época, o que acaba lhe dando a estética marginal, segundo Heloísa Buarque de Hollanda:

a recusa das “formas sérias do conhecimento” passa a configurar um traço importante e crítico de uma experiência de descrença em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude antiintelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo. (HOLLANDA, 2004, p. 111).

Dentro dessa linha de pensamento, podemos considerar a literatura de Carolina como marginal. Segundo Sergius Gonzaga: “A condição marginal adviria da recusa de uma linguagem institucionalizada, a linguagem do poder” (GONZAGA, 1981, p. 149). Devido a sua pouca escolaridade, a autora, espontaneamente, descreve sua rotina, seus medos e, acima de tudo, suas esperanças de um dia sair da favela e proporcionar a seus filhos uma vida digna. Partindo dessa perspectiva, a escrita se tornou uma ferramenta de apoio ou uma válvula de escape para sua realidade cruel. “(...) Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2001, p. 19)

Em muitos momentos, a publicação de seu livro é tida como sua única esperança de ser reconhecida como pessoa e, graças ao trabalho de um jornalista que a ajudou a publicar seu livro, Carolina desponta como uma escritora de origem pobre, negra e favelada de sua época, especificações nada comuns para uma escritora e para a sociedade da época. Anteriormente, Maria Firmina, negra nordestina e escrava havia publicado um romance.

Sua escrita, mesmo sendo bastante rudimentar, beira ao lirismo, como os momentos em que as coisas mais simples passam a ganhar um significado enorme, tendo seu valor ressaltado, chegando quase a ser comparadas a milagres. É uma escrita em forma de diário, retratando os sentimentos, os medos, as alegrias e todos os problemas gerados pela pobreza que é sempre lembrada como o principal problema/dilema de sua vida: “Um operário perguntou-me: - É verdade que você come o que encontra no lixo? - O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais. (JESUS, 2001, p. 100); 3 de setembro. Ontem comemos mal. E hoje pior” (JESUS, 2001, p. 107).

Em sua obra, Carolina nos chama a atenção, em alguns momentos, com críticas não apenas a sociedade que rodeia a comunidade, mas também aos políticos que nada fazem para solucionar os problemas desta, trazendo reflexões a respeito da importância do ato de votar. Outro de seus dilemas é a questão da fome, que sempre aparece ao lado do suicídio. Vivendo constantemente com a fome quase se tornando parte de sua família, a autora consegue metaforizar a fome dando-lhe cor, sentimento e até mesmo chegando a compará-la com a tontura do álcool, dando visibilidade a uma questão até então pouco debatida, que era o surgimento de favelas por todo o país e discutindo como seria uma possível solução para os problemas graves da realidade da autora, como a carência de saneamento básico, a inexistência de coleta de lixo, fome e miséria, dentre tantos outros.

Mesmo sendo moradora da comunidade, a autora ainda era vítima de preconceito por parte dos moradores da favela por não se encaixar dentro do padrão de mulher que eles tinham, principalmente pelo fato de ela não ser casada, de ser “desquitada”, o que era uma afronta para os costumes da época. Muitas vezes, também, pesava contra ela seu gosto por leitura, pois este era, também, um motivo para preconceito, assim agregando-

lhe outra característica da literatura marginal, que é a não aceitação por parte das pessoas de seu meio social. Para Heloisa Buarque de Holanda: “Percebemos aqui que o sentido de marginal desliza para um modo de vida de sujeitos qualificados como “alternativos”, ou excêntricos, alheios aos padrões de comportamento socialmente aceitos” (HOLANDA, 2004, p. 113).

Por se tratar de uma mulher negra, periférica, mãe solteira e semialfabetizada, vivendo em um contexto socioeconômico e cultural completamente desfavorável a qualquer forma de produção literária, a autora vem rompendo o estereótipo da mulher favelada, o que por sua vez causa todo um processo de marginalização de sua pessoa pela comunidade onde reside e, por conseguinte, no meio literário.

A obra *Quarto de Despejo* suscitou uma série de pesquisas no âmbito acadêmico. Nas muitas análises e estudos já realizados, encontramos uma série de perspectivas, ou seja, a obra é esmiuçada sob óticas diversas, dentre elas: a representação do negro na obra (PAIVA, 2010); a linguagem na obra literária (SOUZA e GOMES, 2015), a invisibilidade social em *Quarto de Despejo* (MARINHO DOS SANTOS, FARIAS SANTOS e OLIVEIRA, 2016), dentre muitos outros.

A violência simbólica e o preconceito como resíduo da escravidão africana

Desde o período da colonização, o nosso país se utiliza de meios para dificultar o acesso a educação para a população negra. Segundo Bourdieu: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo e, em particular do mundo social” (BOURDIEU, 2007, p. 9). Com base nessa forma de violência as pessoas eram condicionadas a permanecerem em mesmo estado social, sofrendo com os preconceitos das classes superiores e isso aos poucos, foi se criando toda uma cultura de violência simbólica, pondo o negro sempre a margem da sociedade, pois o poder simbólico acaba estabelecendo uma ordem, uma visão de mundo, lhe impondo seu espaço e limitando sua capacidade. Dessa forma começa toda uma questão bastante complicada em nosso país, a violência simbólica contra o negro. Para Bourdieu:

(...) A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Esse efeito ideológico produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 2007, p. 10)

Como vimos, toda a questão da construção de uma classe social parte de um pressuposto de outra classe social que se encontra em uma posição de domínio, assim essa classe cria artifícios ou meios de intimidar as demais, muitas vezes por meio de hierarquias, quase sempre se utilizando de um poder ideológico para sua manutenção de poder das elites dominantes, impossibilitando as outras classes sociais, menos favorecidas, de ascenderem socialmente, confinando-as em suas zonas periféricas – as favelas. Tal questão tem a ver também com o “resíduo” do período escravocrata e seus desdobramentos até o período atual. Pontes (1999) chama resíduo tudo o que provém de uma cultura e reverbera em outras. Assim, parte das formas de relações do período escravocrata é perceptível no período em que a obra de Carolina foi escrita e também no período atual da sociedade, o que pode ser investigado no texto literário.

Assim, dentro de sua obra *Quarto de Despejo*, a autora Carolina Maria de Jesus nos mostra em vários momentos toda uma construção social em volta do negro, junto com a marginalização do mesmo pela classe dominante, pois quando falamos de um estereótipo apenas estamos perpetuando um preconceito que se encontra enraizado em nossa cultura. Podemos observar uma espécie de classificação completamente baseada em um resíduo escravocrata percebido pela própria autora. Segundo Carolina Maria de Jesus:

“Negro *tú* é o negro mais ou menos. Negro *turututú* é o negro que não vale nada. E o negro Sim Senhor é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro *turututú* depois que cresceu. Ficou estúpido, pornográfico, obsceno e alcoolatra. Não sei como é que uma pessoa pode desfazer assim. Ele é compadre da Dona Domingas” (JESUS, 2001, p. 46)

Aqui a autora faz uma classificação se utilizando de características de cor e comportamento, como um indicativo de algo, que perdurou e infelizmente perdura até os dias de hoje. Esse pensamento que coloca o negro em uma posição inferior é um construto da violência simbólica que nos é mostrada dentro da obra, onde a realidade dos moradores da favela é evidenciada sem filtros. Em alguns momentos, temos, dentro da obra, uma tentativa de relacionar a situação de miséria da autora e sua família com a escravidão, sempre evidenciando a questão da comida, que é um assunto recorrente na obra, assim como a necessidade de trabalhar e alimentar seus filhos. Como Carolina não era instruída o bastante para estar em uma função melhor e com todo o estereótipo de negra, mãe solteira e favelada, massificando a violência simbólica - quando uma pessoa é impedida de galgar seu caminho devido a alguma característica que a sociedade julgue fora dos padrões. A obra de Carolina é um relato real e fidedigno de sua realidade. Em inúmeros momentos, a autora faz reflexões sobre sua condição social e como a sociedade perpetua esse comportamento escravocrata em seu dia a dia. Segundo Carolina Maria de Jesus:

[...] é a lama podre, os excrementos e a pinga. (p. 48);1950: Hoje é o dia que comemora a libertação dos escravos. [...] A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!. (JESUS, 2001, p. 32)

Neste fragmento de texto, além de um desabafo pessoal da autora, temos uma crítica social profunda, pois como um país que está em pleno desenvolvimento econômico, político e social tem um resíduo escravocrata bastante presente e completamente ignorado pela sociedade da época?. Vemos uma conexão entre o passado não muito distante, pois a lei áurea, que fora sancionada em 1888, não proporcionou nenhuma forma de inclusão da população de ex-escravos, o que, posteriormente, criou um abismo social e econômico, juntamente com a formação das favelas, um problema até então novo e pouco divulgado pelos meios midiáticos da época de Carolina.

A autora nos mostra uma ligação entre a escravidão vivida por seus antepassados e uma escravidão moderna, sem torturas ou castigos físicos, sendo uma imposição psicológica e simbólica. Por vários momentos, Carolina nos mostra uma série de restrições sociais que a ela foram impostas desde sua infância como estudar, realizar o sonho de trabalhar como professora e, sobretudo, poder escolher sua refeição sem precisar recorrer ao lixo como dispensa. Todas essas imposições podem ser consideradas formas de violência simbólica, quando uma classe social dominante restringe o leque de possibilidades de uma pessoa utilizando-se de meios não físicos. Segundo Bourdieu: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma

ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social)” (BOURDIEU, 2007, p. 9). Dentro de sua obra, Carolina sempre evidencia a questão da vulnerabilidade social, que lhe é imposta por meio da violência simbólica sofrida durante quase toda sua vida e que fomentou boa parte de seu trabalho, dando-lhe seu ar de genialidade e originalidade.

O racismo contra o negro na obra

A seguir, esboçamos citações referentes aos momentos em que o negro é mencionado ou tratado na obra, aqui discutida. Assim, há alguns pontos principais de representação do discurso para com o negro na referida obra, a serem discutidos a seguir. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, por ser uma obra escrita por uma autora negra e mãe solteira, temos toda uma visão de mundo que reflete a realidade dentro da favela e de seu contexto social. Nesse sentido, sua obra nos mostra uma série de preconceitos que são levantados pela comunidade externa que a todo o tempo subjuga o negro.

Aqui podemos observar o preconceito que a autora denuncia dentro da obra. O simples fato de ser moradora da favela mostra que a sociedade ao redor cria todo um preconceito contra a população da favela apenas por residirem em uma área marginalizada socialmente. Outro ponto é a associação da figura da mulher como prostituta, um estereótipo bastante comum para a sociedade brasileira em que, por uma questão de abuso praticado durante o período escravocrata, a figura da mulher negra era vinculada ao sexo e prazer imediato. A autora regularmente sofria com todos esses estereótipos em sua rotina diária, pois, quando os moradores da favela entravam em contato, mesmo que indiretamente, com os moradores de outras partes da cidade de São Paulo, eles eram comumente vítimas de preconceito não apenas pela questão racial como também pelo fato de viverem em uma favela.

O preconceito dos moradores da favela contra o negro

Mesmo sendo moradora da favela, Carolina não estava livre de toda uma carga cultural e social dentro da própria favela, pois havia padrões de referência para a mulher. Assim, uma mulher, na favela, deveria ser casada, ter uma vida social ativa, ser mais interativa e Carolina não se enquadrava dentro desse padrão. Por muitas vezes, a autora nos mostra que sofreu por não ser casada ou pelo simples fato de gostar de ler, como veremos a seguir:

(...) Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: --Está escrevendo, negra fidida!

A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam. (JESUS, 2001, p. 24)

“(...) Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison. Quando eu cheguei ele começou insultar-me: Negra suja. Ordinaria. Vagabunda. Lixeira.” (JESUS, 2001, p. 88).

Podemos observar todo um repasse de preconceito feito pelos moradores da favela, assim se tornando uma realidade o preconceito onde ele não deveria estar, criando todo um ambiente de segregação por parte de uma população que era segregada pela cidade, em que vários momentos a autora classifica a favela como um quarto de despejo onde os restos eram jogados tanto pelo poder público como por incontáveis questões pessoais e sociais. Devido a essa série de motivos, os moradores da favela eram variados em suas origens, raças e até mesmo nacionalidades, o que proporciona um meio de segregação por parte de um grupo específico de moradores que reproduziam o preconceito contra o negro que as classes dominantes faziam nos centros urbanos.

Outro estigma sofrido por Carolina Maria da Jesus era seu gosto pela escrita. Mesmo sem ser uma escritora convencional e letrada, a autora, em vários momentos, sofre agressões verbais e preconceitos por parte dos moradores da favela do Canindé. Segundo Carolina Maria de Jesus: “O Lalau disse que eu ponho varias pessoas no jornal, mas ele eu não ponho. - Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela.” (JESUS, 2001, p. 153).

Podemos observar toda uma questão de hostilidade e repressão contra a autora e sua atividade de escrita. Por muitas vezes, a violência verbal, física e por meio de ameaças fazia-se presente na rotina da autora. Devido ao pensamento da época, em que a mulher não tinha acesso a educação, mesmo ela sendo de uma classe social abastada, podemos imaginar como os moradores da favela viam Carolina Maria de Jesus como uma figura incomum dentro de um contexto social completamente desfavorável à educação e ao letramento. O fato de a autora ter se tornado uma documentadora dos acontecimentos da favela não agradava a maioria dos moradores, que, por muitas vezes, se utilizavam de ameaças em uma tentativa falha de silenciar a escritora. A autora traz à tona a questão da educação dentro da favela pontuando a sua importância no combate ao preconceito por parte dos moradores.

Moradores e polícia: uma relação marginalizada

Desde o surgimento das favelas em nosso país, a população residente nesses locais é constantemente banalizada e marginalizada pela sociedade em seu redor com inúmeros rótulos e preconceitos. Dentro da obra de Carolina Maria de Jesus vemos que os moradores da favela do Canindé sempre recebem incontáveis rótulos oriundos dos mais diversos espaços e instituições. Um dos pontos mais conflitantes da obra *Quarto de*

Despejo é a relação da polícia com os moradores da favela. Segundo Carolina Maria de Jesus:

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?. (JESUS, 2001, p. 96).

Os moradores da favela são vítimas de abordagens agressivas por parte da polícia da época. A autora cria em sua obra um cenário de denúncia onde todo o descaso e práticas agressivas que a mesma presencia, diariamente, esse e outros abusos que os negros sofriam na favela ou em seus arredores traziam pontos relevantes à narrativa da escritora. Outro aspecto de preconceito era a questão dos moradores das casas de alvenaria que se localizavam nos arredores da favela, segundo Carolina Maria de Jesus: “Quando o povo da alvenaria me viram na Radio Patrulha gritaram: -- Crime na favela! E corriam na direção da favela.” (JESUS, 2001, p. 86).

Vemos toda uma questão de segregação, um prejulgamento dos moradores da favela apenas pelo simples fato de residirem em um ambiente insalubre onde as condições tanto de vida como de habitação são precarizadas. A autora aborda o problema do estereótipo do favelado que frequentemente é associado ao crime devido a uma convenção social baseada em um pensamento preconceituoso e retrógrado.

A população negra ainda estava tentando ser inserida na sociedade, pois da promulgação da Lei Áurea até a publicação desse livro não se passara apenas cem anos. O país ainda procurava esconder os resíduos da prática escravocrata ao invés de inserir a população negra dentro do contexto social, isso agregado ao pensamento bastante preconceituoso da época, que era reproduzido tanto pela população, em sua grande maioria, quanto pela polícia, contribuindo, ademais, para uma forma de tratamento marginal, mantendo toda a população da periferia afastada dos seus direitos básicos de sobrevivência, inserindo os moradores da periferia em um ambiente hostil, vivendo a margem do Estado, qualificando-lhes como marginais.

A percepção da autora quanto aos brancos em relação aos negros sobre exclusão e marginalização

Em nosso país, a relação entre negros e brancos, por muitas vezes, foi conflituosa, tanto devido à questão da escravidão quanto a uma questão de resíduo de preconceito e segregação por cor que perdura até os dias de hoje. A autora traz essa temática à tona, e

de forma aprofundada, em sua obra. Em vários momentos, Carolina Maria de Jesus se posiciona criticamente com relação ao papel do branco, tanto no âmbito governamental quanto no aspecto histórico. Assim sua obra ganha todo um posicionamento de crítica ao sistema e suas falhas, que criam um abismo social e mazelas para a população negra e periférica. Segundo Carolina Maria de Jesus:

“O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles.” (JESUS, 1960, p. 102)

“Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde eles jogam os lixos.” (JESUS, 2001, p. 28).

Nesse momento, vemos uma tentativa da autora de criar um ambiente de colaboração entre brancos e negros. Entretanto não era o comum para a época. Porém, podemos ressaltar inúmeras diferenças com relação ao tratamento, o convívio social e toda a questão de empregabilidade que a população negra era desprovida. Dentro da obra, vemos que, em sua maioria, a autora tenta sempre neutralizar a questão da “superioridade” branca. Infelizmente, a população negra era condenada ao isolamento periférico. Colocando-se contra isso, a autora procura estabelecer uma analogia entre negros e brancos, em uma passagem em que se refere aos norte-americanos. Para ela:

“Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se.” (JESUS, 2001, p. 108)

Pelo exposto acima, nos deparamos com o apaziguamento da questão racial a partir de um olhar negro e periférico, que caracteriza uma forma de empoderamento que lhe é concedida pela escrita, pois quando a autora se entrega ao mundo da escrita e, conseqüentemente, à literatura, mesmo que seja inocentemente, a mesma toma seu lugar de fala como favelada, perante os brancos e abastados, dando assim visibilidade à favela e a seus moradores dentro de um cenário literário que estava na contramão da sua escrita, considerada marginal.

Considerações Finais

Nos 60 anos da publicação de *Quarto de Despejo*, ainda é uma realidade inaceitável, a não aceitação do negro em determinados espaços da cidade. Como a autora aborda essa questão por suas vivências, vemos que a não aceitação em alguns momentos pode ser condicionada ou imposta por uma série de mecanismos de controle social, como a própria violência simbólica, assim causando uma sensação de não pertencimento por parte das pessoas que são vítimas desse tipo de violência simbólica. A mesma foi utilizada durante muitos anos para fomentar todo o preconceito racial em uma tentativa de restringir o acesso dos negros a locais públicos, através de um racismo velado. A metáfora do quarto de despejo e a favela representa bem tal contexto de violência.

Pelo exposto anteriormente, percebemos um discurso denunciador, feito por uma moradora de favela, onde as questões raciais e sociais são evidenciadas, demonstrando um resíduo de um pensamento colonial e escravocrata. Entretanto, a autora se empodera de sua negritude, fazendo com que sua obra seja uma ferramenta de luta contra o preconceito que lhe era imposto tanto pelos moradores da favela quanto por parte dos moradores da cidade. Por vários momentos, a obra nos mostra que os negros são bastante subjugados pelos brancos, mesmo que naquele contexto brancos e negros vivam numa situação degradante. Em diversas situações, o simples fato de um negro estar em um determinado ambiente causa todo um constrangimento para os brancos e, conseqüentemente, para os negros, não lhes permitindo ter uma integração com a sociedade, tendo sua vida restringida apenas ao contexto da favela, vivendo sob o julgo das pressões e imposições de toda uma elite que quer o afastamento de todos aqueles que não se encaixam dentro do padrão utilizado pela época. As restrições muitas vezes eram simbólicas, por meio da imposição de ideias e conjuntos de regras ou convenções sociais, prejudicando todo um desenvolvimento econômico, intelectual e pessoal de uma população que apenas não se encaixava dentro de um estereótipo racial escolhido por uma elite. Assim, 60 anos depois, esta obra ainda tem muito que dizer e muitas discussões a suscitar.

Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Disponível em: <<http://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>> Acesso em: 02 set. 2021.

Enciclopédia Itaú Cultural. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67358/quarto-de-despejo>>. Acesso em: 17 set. 2021.

FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GONZAGA, S. Literatura marginal. In: FERREIRA, J. F. **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1981.

HOLLANDA, H. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

SANTOS, S. C. M. dos; SANTOS, N. F.; OLIVEIRA, B. K. de. Educação e invisibilidade social na obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. **Revista Todas as Letras**, v. 18, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9814>> Acesso em: 03 set. 2021.

PAIVA, L. P. Da margem para o centro: a representação do negro em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. **X Encontro Estadual de História**, Univ. Fed. De Santa Maria, 2010. Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279485834_ARQUIVO_TextAnp102_final.pdf> Acesso em: 05 set. 2021.

PEREIRA, C. A. M. **Retrato de Época**: Poesia Marginal Anos 70. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

PONTES, R. **Literatura insubmissa afrobrasilusa**. Rio de Janeiro/Fortaleza, Oficina do Autor, EDUFC, 1999.

SOUZA, T. E. S.; GOMES, I. M. de A. M. Quarto de Despejo: as páginas amarelas do diário de Carolina Maria de Jesus. **Revista Literatura em Debate**, v. 9, n. 17, 2015.

